

O PACOTE DO BC: Armínio acha que ainda há muito a fazer para acabar com distorções e abusos dos bancos

'Economia crescerá mais de 0,5% este ano'

Presidente do BC admite que ainda existe risco, mas diz que país está mais preparado para enfrentar crises externas

ENTREVISTA

Armínio Fraga Neto

Na sexta-feira, o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, aparentava tranqüilidade. Após cinco meses pesquisando distorções e abusos cometidos pelos bancos, ele

acredita que as medidas baixadas pelo Governo ajudarão a economia brasileira a crescer acima de 0,5% este ano. Mesmo assim, sabe que ainda há muito a fazer. No 22º andar do prédio do BC, no Rio, enquanto falava e mastigava pedaços de cenoura crua, ele

acompanhava, pelo computador, os mercados que desabavam no mundo por causa das declarações do presidente do Fed, Alan Greenspan. E resumia: "Claro que risco existe, mas o Brasil hoje está mais preparado para enfrentar qualquer crise externa".

Cristina Alves

O GLOBO: Por que o mercado não reagiu bem ao anúncio das medidas para reduzir os juros?

ARMÍNIO FRAGA: Fizemos um diagnóstico para saber a origem dos elevados spreads bancários no Brasil. Vimos que há razões ligadas à inadimplência, à cunha fiscal, aos custos e alavancagem e à concorrência. Tudo isso afeta a margem de lucro de certos produtos, como o cheque especial. Estamos propondo soluções para cada problema e o resultado vai aparecer em seis meses, um ano ou dois. O sistema vai ser estimulado a emprestar mais.

• Os R\$ 9 bilhões que serão liberados para o sistema financeiro com a queda no compulsório sobre depósito a prazo podem ser usados para comprar títulos públicos em vez de ir para o crédito. Como reduzir juros se o Governo, com déficit elevado, continua sendo o maior tomador de recursos do mercado?

ARMÍNIO: Isso não é verdade. Hoje, o superávit primário é da ordem de 3% do PIB contra um déficit de 1% em 97. O superávit vai permitir a queda da dívida pública em relação ao PIB.

• O déficit nominal continua muito alto...

ARMÍNIO: Ele vai cair assim que os efeitos da desvalorização cambial saírem do cálculo de 12 meses. E isso vai ocorrer em fevereiro ou março do ano que vem. Aí, o déficit nominal vai cair muito.

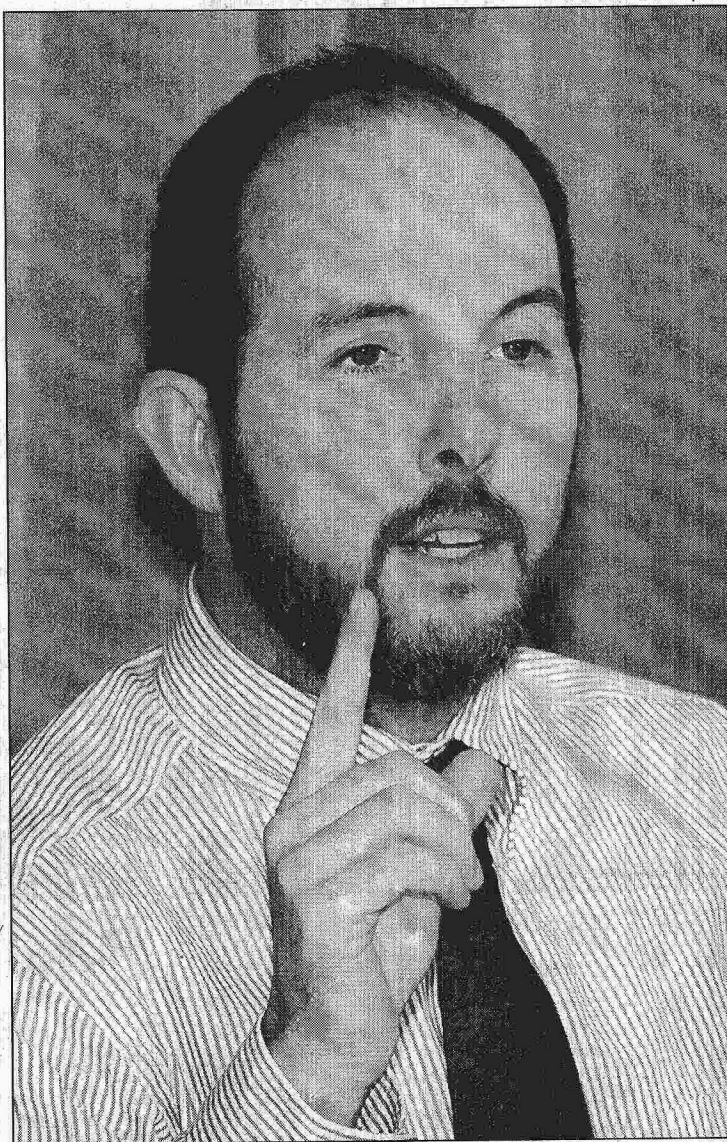
• Quando a taxa de juros real vai cair mais drasticamente?

ARMÍNIO: O superávit primário, a taxa de câmbio flutuante, um sistema financeiro sadio e a pouca alavancagem permitem esperar uma taxa de juros real de um dígito.

• Quando? No ano que vem?

ARMÍNIO: Eu não quero dar datas, mas é razoável que essa seja a tendência.

• Por que não reduziram o compulsório sobre depósitos à vista?



ARMÍNIO FRAGA: baixa concorrência no especial mantém taxas altas

ARMÍNIO: Estamos ainda avaliando o impacto das primeiras medidas. Nesse caso, vai ter que ser mais gradual.

• Não baixaram temendo impacto sobre a inflação?

ARMÍNIO: Não é tanto pela inflação, mas é uma injeção de liquidez direta na economia que, para ser feita, precisa mostrar resultados.

• Qual vai ser o efeito das medidas para as taxas ao consumidor neste fim de ano?

ARMÍNIO: Não tenho um cálculo quantitativo, mas acho que resolvida a questão fiscal com a reforma tributária e se melhoramos a transparência e concorrência em certos setores, não tenho dúvida de que o spread vai cair. E rápido.

• Poderia cair à metade dentro de um ano?

ARMÍNIO: Sim, para certos produtos, poderia.

• O senhor tem falado muito do cheque especial. Esse é o problema mais grave? Por que não se conseguiu concorrência no sistema bancário brasileiro, apesar da entrada de bancos estrangeiros?

ARMÍNIO: Olha, eu não concordo com isso. O estudo mostra vários problemas. No caso do cheque especial, as margens talvez apontem para a necessidade de um pouco mais de concorrência. Mas não se pode esquecer que bancos importantes quebraram nos últimos anos. Às vezes falta é informação. Por isso, vamos divulgar as taxas e melhorar a parte de cadastro.

• O banqueiro brasileiro é mais ganancioso? Até que ponto o estudo do BC tem en-

contrado abusos nos bancos?

ARMÍNIO: Não diria que ficou claro o abuso, mas detectamos margens altas no cheque especial, por exemplo.

• O senhor acredita que essas medidas podem ajudar na retomada da economia?

ARMÍNIO: Acredito.

• O senhor também apostou com o ministro Malan que o país vai crescer este ano?

ARMÍNIO: Aquilo é brincadeira do presidente (referindo-se à aposta que o presidente Fernando Henrique teria feito com Malan de que a economia brasileira vai crescer este ano). Certamente as medidas ajudarão, mas já vínhamos numa trajetória que permite algum crescimento este ano.

• A que taxa?

ARMÍNIO: De zero a 0,5% do PIB.

• Isso antes das medidas?

ARMÍNIO: Sim, mas pode ser que melhore um pouco mais. Vejo um impacto ainda mais positivo para o ano que vem.

• E o reflexo na inflação?

ARMÍNIO: A projeção média do mercado hoje está em 7,5% para o IPCA este ano.

• E para o ano que vem?

ARMÍNIO: Nossa expectativa é inferior a 6% para o ano que vem.

• Qual é o próximo passo? Mudar as regras para o direcionamento do crédito?

ARMÍNIO: Pretendemos melhorar o sistema de financiamento agrícola, em que pese uma eventual diminuição de direcionamento e, além disso, melhorar uma área que hoje não está funcionando, que é o financiamento habitacional. Nos dois casos, os estudos já estão em andamento.

• O senhor vai a Minas?

ARMÍNIO: A princípio, irei.

• O senhor já foi notificado da ação que o governador Itamar Franco pretendia mover contra o senhor?

ARMÍNIO: Não. Nada chegou às minhas mãos.

DESVALORIZAÇÃO CAMBIAL

• É quando o Governo anuncia que a moeda do país vale menos. Foi o que aconteceu com o real em janeiro deste ano.

CÂMBIO FLUTUANTE

• Sistema em que a cotação da moeda de um país pode oscilar livremente sem que haja intervenções do BC.

DEPÓSITOS À VISTA

• Total de dinheiro depositado em contas correntes nos bancos. Sobre esses depósitos, existe hoje um compulsório (recolhimento obrigatório ao BC) de 65%. Ou seja, para cada R\$ 100 depositados, o banco é obrigado a deixar R\$ 65 nos cofres do Banco Central.

LIQUIDEZ

• Volume de dinheiro existente na economia.

IPCA

• Índice de Preços ao Consumidor Amplo. É a taxa de inflação pesquisada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) junto a famílias com renda mensal de até 40 salários-mínimos. Esse índice foi escolhido pelo Governo para ser usado como meta de inflação durante as negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

DIRECIONAMENTO

• Percentual que os bancos estão obrigados, por determinação do Banco Central, a aplicarem em determinados tipos de financiamentos. Hoje, eles são obrigados a destinar uma parcela dos seus depósitos para financiamento da casa própria e uma parcela para agricultura.

SPREAD

• A diferença entre os juros que o banco paga ao depositante e a que ele cobra nos empréstimos.

ALAVANCAGEM

• É o volume de dinheiro que uma instituição financeira pode emprestar a seus clientes. O montante desses empréstimos tem relação com o capital do banco.

COMPULSÓRIO

• Parte do dinheiro depositado nos bancos que é recolhido aos cofres do Banco Central. De cada R\$ 100 depositados, o banco recolhia R\$ 10 ao BC. O compulsório é uma forma de o BC controlar o volume de dinheiro em circulação. Isso é importante porque, pela lógica de mercado, se há pouco dinheiro em circulação, o seu preço (a taxa de juros) fica maior. Se aumenta o volume de dinheiro, a tendência é que os juros caiam.

DEPÓSITOS A PRAZO

• O dinheiro que os bancos captam dos clientes por 30, 60, 90 dias ou até mais. Grande parte do volume de depósitos a prazo é em Certificados de Depósito Bancário (CDBs).

SUPERÁVIT PRIMÁRIO

• É quando o Governo arrecada mais do que gasta. O cálculo de superávit primário não considera, no entanto, as despesas com o pagamento de juros de papéis que o Governo vende aos investidores no mercado financeiro.

DÉFICIT NOMINAL

• Quando as despesas do Governo (incluindo os gastos com juros da sua dívida) são maiores do que a receita.